

DF-Brasília

21 ABR 1967

CORREIO BRAZILIENSE

Capital da Esperança

Uma análise fria e responsável para situar Brasília na projeção maior de seus 27 anos, que hoje se completam, deve, necessariamente, reconhecer a sua generosa contribuição, em termos de avanço da fronteira econômica, para as distâncias de Centro-Oeste, sem contudo esconder sob o tapete da realidade as imensas distorções que assoberbam de problemas sociais e econômicos a capital da República.

Já não cabem nos discursos de avaliação prospectiva a importância de Brasília no contexto da História deste País. As análises relacionadas com a visão e a coragem do seu idealizador, construtor e consolidador não poderão situá-lo acima e além da dimensão política da resposta oferecida a um participante de um comício em Jataí, no ano de 1955, ao indagar do então candidato à Presidência da República, Juscelino Kubitschek de Oliveira, sobre a disposição de cumprir o mandamento constitucional de transferir a capital para o Planalto Central, na hipótese de ser eleito.

Do compromisso assumido naquela oportunidade até o dia 21 de abril de 1960, o Brasil abriu novos horizontes para o seu futuro e definir os espaços que a história lhe havia reservado, mas que o comodismo dos governantes e uma permanente conspiração de falsos interesses mantinham os artificios que ancoraram a sede do governo no litoral Atlântico por vários séculos.

Brasília deveria ter monumentalidade para compor-se com o sentimento nacional de legítimo orgulho pelas formas que a fariam incomparavelmente bela e pela funcionalidade que a transformaria efetivamente, em centro das decisões nacionais. E de seu

projeto urbanístico, extraordinariamente criativo e inovador e de sua plasticidade, até então inédita nas formas que ocuparam os seus espaços urbanos, a Nação ganhou no coração geográfico de suas terras continentais a *urbs* e a *civitas* harmoniosas e equilibradas, como marco definitivo de afirmação de nosso caráter.

O Brasil sofrido do Nordeste, batido constantemente por agressões climáticas, onde se alternam estios abrasadores e chuvas diluvianas, teve na população de seu bolsão de pobreza, onde milhões de criaturas sobrevivem em situação de miséria, as origens de um fluxo migratório, descontrolado e crescentemente excitado, atraído pelo fascínio do novo e pela compulsão do nada ter e do nada esperar. Nas demais regiões do País os efeitos não foram menores. A terra dadivosa de que deu conta ao mundo o Santo Dom Bosco passou a ser a tangente da esperança para milhares de desajustados em todas as latitudes brasileiras.

Agora, passados 27 anos de sua apoteótica inauguração e de sua vivência invulgar na contribuição oferecida para alicerçar a unidade nacional e a sua integração geopolítica, a Capital do Terceiro Milênio enfrenta as consequências dos contrastes que levantou, ao opor as suas prumadas de mármore e vidro à indigência das favelas de Fortaleza, dos banhados do Recife e das palafitas de Manaus. Também o elevado poder aquisitivo de sua população contrasta, ao infinito, com a miséria dos sem-terra do interior paulista, dos bóias-fria de Minas Gerais e dos favelados de João Pessoa. E dessas posturas contraditórias surgiram, como decorrência inelutável, os excedentes populacio-

nais que hoje oferecem um contingente humano que dentro de mais dois anos estará em dois milhões de habitantes, com projeções inquietantes de fechar um total de quatro milhões na passagem do século. E nessa autoclave de ingredientes sociais, quer afins, quer contrários, que o desemprego significativo, a falta de moradias, os precários níveis de assistência aos problemas de saúde e de educação, as práticas da violência urbana e os questionamentos da segurança das pessoas fazem atuante uma catálise política cujos resultados são imprevisíveis em seus componentes finais.

Por força de não ser a causa desses fenômenos mas, sim, um estuário para drenar as suas potencialidades, aliviando as suas tensões, Brasília é antes de mais nada o fórum competente para buscar opções e identificar as formas alternativas para viabilizar soluções. E nada mais oportuno do que, nestes seus 27 anos de vida, acolher, aqui, da Assembléia Nacional Constituinte, de cujo descortínio a Nação espera maturidade política e consciência cívica nas propostas básicas a serem acolhidas pela Carta Magna que dará ao Brasil credenciais de grande nação para ingressar confiadamente nos espaços futuros de terceiro milênio.

Por tudo isto e pelas perspectivas que partem de seus montantes institucionais, culturais, políticos e econômicos Brasília continua sendo a Capital da Esperança. Fiel às premonições de Dom Bosco, coerente com os ideais que levaram Juscelino Kubitschek a construí-la e plenamente identificada com os anseios de prosperidade e de certezas do amanhã do Brasil e dos brasileiros.